

ÁGORA/ALEXANDRIA

O filme *Ágora*, dirigido por Alejandro Amenábar, de 2009, narra a história de Hipátia, entre os anos 391-415 d.C. Importante filósofa, astrônoma e matemática, nascida em Alexandria, no Egito, provavelmente em 370 (ou 350 de acordo com alguns historiadores), os escritos de autoria de Hipátia não sobreviveram no tempo. As informações históricas que conhecemos sobre ela foram escritas por terceiros e refletem diferentes interesses e objetivos dos autores e da época em que foram produzidas. As principais fontes sobre sua vida são: a *História Eclesiástica*, de Sócrates Escolástico; a *Crônica*, de João de Niqui; as cartas, de Sinésio de Cirene, que foi aluno de Hipátia; *A vida de Isíodo de Damásco*, em Suda.

Em resumo, na película, Hipátia, única personagem feminina do filme, ensina filosofia, matemática e astronomia no Museu de Alexandria, junto à Biblioteca, num período em que a cidade é agitada por violentas lutas entre cristãos, pagãos e judeus. Ela tem entre seus alunos os cristãos Orestes (que se tornará governador de Alexandria), que a ama sem ser correspondido, Sinésio (que se tornará bispo da cidade) e seu escravo Davus, que também a ama secretamente. Hipátia não deseja casar-se, dedicando-se unicamente ao ensino e aos estudos, e sua principal preocupação é com o movimento da terra em torno do sol. Nos embates entre cristãos, judeus e pagãos, a fé cristã se impõe. Orestes se torna governador e se mantém fiel ao seu amor, enquanto o líder cristão, o arcebispo Cirilo, domina a cidade e encontra na ligação entre Orestes e Hipátia uma ameaça ao poder do cristianismo. Assim, inicia uma campanha contra Hipátia, responsabilizando-a por influenciar malignamente o governador contra a fé cristã e usando as escrituras sagradas para acusá-la de bruxaria. Por ser considerada uma bruxa, ela é atacada por uma turba de cristãos que se reúne para esfolá-la viva. Davus convence-os a apedrejá-la e, enquanto eles procuram pedras, estrangula Hipátia para poupar-lá do sofrimento de ser morta de forma brutal.

Alexandria foi fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C., e nela foram estabelecidos a Biblioteca de Alexandria (considerada a maior do mundo antigo), o Museu e o Templo de Serápis (uma divindade greco-egípcia), sendo considerada um dos maiores centros culturais e intelectuais da Antiguidade. Lá atuavam inúmeros pensadores – das ciências, matemática, astronomia e filosofia, entre outras disciplinas da época –, como o célebre matemático Arquimedes. A cidade foi anexada pelo Imperador Augusto em 30 a.C. e se tornou região estratégica do Império Romano. Por volta de 364 d.C., quando o Império Romano se dividiu, Alexandria se tornou parte da metade oriental. Em 391 d.C., ano em que se inicia o filme, o Império Romano era governado pelo Imperador Teodósio I (379-395), e é nesse contexto que Hipátia está inserida. O filme começa com uma narrativa que explica didaticamente esse cenário:

No final do século IV d.C., o Império Romano estava à beira de um colapso, mas Alexandria, na província do Egito, ainda conservava forte seu esplendor. Ostentava uma das sete maravilhas do mundo antigo: o lendário Farol de Alexandria, assim como a maior biblioteca da terra que, além de símbolo cultural, era centro religioso, um lugar onde os pagãos veneravam seus deuses ancestrais. A cidade célebre pelo culto pagão coexistia com a fé judaica e com uma religião até recentemente proibida que se proliferava: o cristianismo.

Em um dos primeiros diálogos do filme, entre líderes, cristãos e pagãos, percebem-se as tensões entre essas religiosidades e a posição privilegiada que o cristianismo ocupa. O cristão diz: “vocês se consolam com imagens pagãs de homens, mulheres, aves e répteis”. O pagão replica: “vocês, cristãos, se tornaram arrogantes, desde que o Império passou a tolerar sua existência”. Essa parte é muito importante para se discutirem as relações entre paganismo e cristianismo no século IV, quando a Igreja gradualmente atinge sua unidade, expande e consolida sua influência no mundo romano desde o governo de Constantino I (306-337).

Como afirma Losekann (2012, p. 14), ainda que a cristianização do mundo romano tenha acontecido através de um longo processo, Constantino I foi responsável por importantes ações que culminaram com a institucionalização da fé cristã. A partir de seu domínio, no ano de 313, graças ao Edito de Milão, o culto cristão passou a ser permitido em todo o Império. Também surgiram as primeiras legislações contra o paganismo com medidas, entre outros aspectos, que proibiam os ritos de magia e adivinhação. O filme se inicia em 391, durante o governo do Imperador Teodósio I que, em 380, com o Edito da Tessalônica, tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano. Então, apesar de o filme afirmar que o Império passou a tolerar o cristianismo, é mais do que isso o que aconteceu no período: a religião cristã, perseguida no passado, tornou-se a oficial do mundo romano, marcando decisivamente um dos momentos mais importantes da história e da supremacia dessa fé no Ocidente.

No filme, vemos o crescimento do cristianismo em Alexandria. Em uma cena Theon, pai de Hipátia, diz que os cristãos eram maioria entre “os escravos e a ralé” e seus representantes entre a elite eram pouco expressivos. No entanto, apesar da atração que o cristianismo possuía entre os escravizados, por seu discurso negativo sobre a escravidão, é fato que inúmeros membros da aristocracia se converteram a essa religião, o que contribuiu para sua crescente propagação no Império Romano.

A proibição dos cultos pagãos é mostrada no filme numa cena em que um enviado do Imperador lê, em voz alta, em área pública, algumas medidas adotadas pelo Império contra o paganismo: “De agora em diante, em Alexandria, só crenças e cultos judaicos e cristãos serão permitidos. Cultos pagãos e visita aos templos estão proibidos. Se alguém cometer tal ato ou mesmo olhar para as estátuas de deuses antigos será punido sem piedade”. Em uma outra cena, ao denunciar os ataques sofridos pelos pagãos a mando do Império, um personagem diz: “O que podemos

esperar de um Imperador cristão senão uma execução? O Imperador está do lado dos cristãos”.

A violência dos cristãos contra os judeus também é destacada na película quando, durante um incêndio de uma igreja cristã, os judeus são culpabilizados. Os discursos de ódio contra os judeus aludem ao vandalismo e à animalidade: “Malditos judeus. São apenas um bando de vândalos, um bando de animais”. Referem-se ainda ao deicídio, quando vemos falas como: “São eles que viram apenas um homem quando tiveram diante do filho de Deus. Em sua cegueira, o crucificaram. São os assassinos do Senhor”. A ideia de limpeza étnica está presente na fala em que um membro pagão da elite alexandrina questiona: por que Cirilo fala em limpar a cidade?”.

Essas representações sobre os judeus no filme são importantes para debater as imagens sobre eles construídas na Antiguidade Tardia e que perduraram durante toda a Idade Média: servos do Diabo, deicidas, inimigos de Cristo, animais e bárbaros. Para muitos teólogos, Satã era mentor-cúmplice de todas as maldades judaicas, sendo o deicídio uma delas. A ideia de que os judeus seriam, coletivamente, responsáveis pela morte/crucificação de Cristo fundamentou a perseguição e morte de milhares de judeus no medievo. O filósofo Joshua Mark (2017) afirma que, nesse período, em Alexandria, houve mortes de judeus e muitos sobreviventes foram expulsos da cidade, enquanto seus bens eram apropriados pelos cristãos e as sinagogas convertidas em igrejas.

Um outro aspecto importante no filme é o protagonismo de Hipátia. Ela é mostrada como uma brilhante, importante e respeitada pensadora, professora e filósofa na cidade de Alexandria, o que é comprovado por diversas fontes históricas do período. Segundo os relatos dos historiadores (MARK, 2017), Hipátia foi uma mulher extraordinária e uma oradora popular, como descreve o filósofo da Antiguidade Damásco (apud MARK, 2017):

vestindo o tribon [o manto de um estudioso e, portanto, um item de vestuário masculino], a senhora fez aparições pelo centro da cidade, expondo em público para quem quisesse ouvir Platão ou Aristóteles ou algum outro filósofo (...) Havia uma grande confusão em torno das portas [de sua casa], uma confusão de homens e cavalos, de pessoas indo e vindo e outros esperando por Hipátia.

No filme, Hipátia é identificada como astrônoma que adere ao heliocentrismo, modelo que contrariava as ideias de Ptolomeu, hegemônicas na época, de que a Terra se encontrava no centro do Universo e os planetas moviam-se em círculos, cujos centros giravam em torno da Terra. Não há registros históricos que comprovem essa visão do diretor do filme; infelizmente, muitas das contribuições de Hipátia foram perdidas. Mas se pode afirmar que ela estudava matemática e, como Theon, seu pai (célebre matemático da época), ensinava várias disciplinas. Tendo construído um hidrômetro e um higroscópico, ajudou Sinésio a projetar um astrolábio e fez edições comentadas de obras de matemáticos e astrônomos célebres (OLIVEIRA, 2016, p. 8). Também explicava as teorias de Platão e Aristóteles e outros filósofos

(OLIVEIRA, 2016, p. 8). Hipátia era conhecida por frequentar a grande Biblioteca de Alexandria, que continha aproximadamente meio milhão de pergaminhos. Como professora do Museu, uma espécie de universidade da época, ela tinha acesso irrestrito a esses escritos (MARK, 2017), o que contribuiu para o aprofundamento crítico de seu ensino e aprendizado.

É inegável sua atuação e protagonismo na época, tendo alcançado uma posição a que apenas os homens tinham direito. Como bem lembram Ribeiro e Oliveira, é muito importante:

trazer para a história a possibilidade de que mulheres pudessem também ter exercido o ofício de pensadoras, pesquisadoras e educadoras, tal qual os homens na Antiguidade, haja vista que os livros didáticos apenas destacam os homens nesse ofício e não fazem qualquer menção a esse tipo de atuação das mulheres no passado, silenciando tal possibilidade e assim perpetuando a representação das mulheres condizente com as concepções de gênero que restringem as mulheres apenas ao espaço da casa, do casamento e da maternidade (2017, p. 181).

Lorraine Oliveira chama a atenção para, ao interpretar a atuação de Hipátia no mundo da ciência, da filosofia e do ensino, não nos esquecermos de que se trata de uma mulher. No Império Romano não era raro encontrar mulheres cultas na alta sociedade. No entanto, os estudiosos sempre tratam as mulheres nas atividades intelectuais como exceção. Dessa forma, há que se indagar “se estas mulheres foram realmente poucas, ou se foram apagadas com o tempo, pelas versões mais difundidas da história, que até bem pouco tempo eram escritas por homens. Ou seja, faziam parte do arcabouço ideológico que sustentava o poder falocrático” (OLIVEIRA, 2016, p. 11).

Outro aspecto que o filme permite debater é a questão da imposição do casamento para as mulheres. Numa cena, o pai de Hipátia, ao ser questionado por um membro da elite de Alexandria sobre a necessidade de ela se casar, responde: “Hipátia submissa a um homem sem poder ensinar? Sem poder falar livremente? A filósofa brilhante que conheço obrigada a abandonar a ciência? Não. Seria a morte para ela”. O homem replica: “Theon, não esqueça da infeliz condição de mulher”.

A partir desse diálogo, é possível problematizar o significado do casamento no Império Romano, numa sociedade patriarcal na qual as mulheres eram submetidas à autoridade do pai (ou daqueles que detivessem a *patria potesta*, a autoridade paterna), que era transferida ao marido após o matrimônio, passando a mulher a depender da vontade do esposo (BROOKE, 1989, p. 117). Nesse sentido, é importante também debater a importância do pai de Hipátia, que se recusou a impor à filha o papel tradicional atribuído às mulheres e a criou como alguém faria com um filho na tradição grega, ensinando-lhe seu próprio ofício (MARK, 2017). Numa época em que as mulheres tinham poucas opções e eram tratadas como propriedade, Hipátia

movia-se livremente e sem interditos através dos domínios masculinos tradicionais.

Um outro ponto importante que possibilita debates é a destruição do Museu de Alexandria, de cujo complexo arquitetônico faziam parte a Biblioteca e o templo de Serápis. Numa cena, quando Hipátia e seus discípulos se refugiam nesse complexo fugindo de um ataque dos cristãos, o recinto é invadido e destruído. Os pergaminhos são rasgados e queimados e Hipátia e seus alunos tentam desesperadamente resgatar alguns escritos para tentar preservar parte do conhecimento dos antigos. Historiadores defendem que os últimos vestígios da Biblioteca provavelmente desapareceram, junto com o Museu, em 391, quando alguns templos pagãos foram destruídos, como o de Serápis, tendo sido construída uma igreja no local. O último membro conhecido do Museu foi Theon, pai de Hipátia, que teve alguns de seus escritos preservados para a posteridade (ZIELINSKY, 2017).

Essa visão sobre os cristãos no filme gerou polêmica entre alguns segmentos da comunidade cristã, que se opuseram à descrição dos primeiros cristãos como inimigos fanáticos do aprendizado e da cultura (MARK, 2017). Realmente, o filme marca bem essa oposição entre ciência e religião, tanto nas ideias quanto no figurino dos personagens (os pagãos usam trajes claros e limpos e a maioria dos cristãos, vestes escuras e maltrapilhas). No entanto, é inegável que o filme aborda de forma adequada que o conhecimento científico se desenvolve a partir de questionamentos, experimentos e testes e que o cristianismo não permite o questionamento da fé e do divino, sendo as sagradas escrituras consideradas leis universais e verdadeiras a que todos deveriam se submeter.

Também não se deve esquecer que o conhecimento não é negado pela Igreja, mas deve servir para confirmar seus dogmas e crenças. Ao mesmo tempo, é importante sublinhar que a Igreja, sobretudo os monastérios, foi importante para a cópia e preservação do conhecimento antigo. Sobre a queima e destruição de escritos pela Igreja, não era uma prática inverossímil se pensarmos, por exemplo, no Index durante a Inquisição, uma lista de publicações proibidas consideradas heresias, anticlericais ou lascivas porque iam contra os preceitos do cristianismo. Muitos livros considerados pagãos e demoníacos foram destruídos e queimados durante a Inquisição. Não se pode também acusar o filme de maniqueísta, como o fizeram alguns segmentos da comunidade cristã, pois representou cristãos como Orestes, governador de Alexandria, e Sinésio, bispo da cidade, como tolerantes com outros grupos religiosos, não tendo compactuado com a violência perpetrada contra pagãos e judeus por setores do cristianismo.

Sobre a relação entre o arcebispo cristão Cirilo, seus seguidores e Hipátia, no filme sendo vista por estes como uma bruxa, algumas questões são fundamentais. A primeira delas é que a atuação de Hipátia, como pesquisadora, educadora e influente pensadora na sociedade, incomodava os líderes cristãos, pois estes não aceitavam mulheres atuando em espaços de poder masculino. É inegável que o mundo filosófico

em Alexandria, antes de o cristianismo se impor, era menos hostil às mulheres que o mundo cristão. Como afirmam Ribeiro e Oliveira (2017, p. 182), como uma mulher inteligente e influente, de poder, em um contexto de intolerância religiosa, fundamentalismo religioso e misoginia, Hipátia passa a ser perseguida e acusada de bruxaria. A amizade entre Hipátia e Orestes e a influência que ela possuía sobre ele, que busca o aconselhamento da filósofa, também é colocada sob suspeita pelos líderes cristãos, pois evidencia o quanto ela era considerada importante por um dos cargos mais altos da administração da cidade. Essas representações do filme são corroboradas por fontes da época, inclusive por um cronista cristão, João de Nikiu, que explica a situação do ponto de vista de Cirilo (apud MARK, 2017):

E naqueles dias apareceu em Alexandria uma filósofa pagã chamada Hipátia, e ela era devotada em todos os tempos à magia, astrolábios e instrumentos musicais, e ela enganou muitas pessoas com seus ardis satânicos. E o governador da cidade [Orestes] a honrou muito, pois ela o havia enganado com sua magia. E ele parou de frequentar a igreja como era seu costume.

A misoginia de Cirilo é mostrada na cena em que ele aparece citando um trecho de uma epístola paulina, Timóteo 2:11-12, para proibir que as mulheres exerçam autoridade sobre os homens: “Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio”. Esse discurso é compatível com a concepção da Igreja da época sobre a submissão e o silenciamento das mulheres em relação aos homens, reforçando a ideia de que o espaço das mulheres deve se restringir ao âmbito doméstico, ao casamento e à maternidade. Como asseveram Ribeiro e Oliveira, esse discurso do filme permite problematizar “a relação do cristianismo com os espaços políticos, educacionais e religiosos da época e porque havia um desejo de colocar as mulheres em uma posição de submissão. Quais eram os argumentos que justificavam essa submissão?” (2017, p. 183). Ainda segundo as autoras, “com isso podemos historicizar em sala de aula discursos e práticas que excluem, inferiorizam e violentam as mulheres com base em preceitos sagrados e religiosos cristãos” (2017, p. 183).

A acusação de Hipátia como bruxa também deve ser problematizada. Assim como Hipátia, milhares de mulheres foram acusadas de bruxaria durante o período de dominação cristã, tendo sido condenadas à prisão, tortura e morte. Eram mulheres consideradas bruxas por terem comportamentos e ideias transgressores em relação aos valores da Igreja. A perseguição à Hipátia como bruxa se insere no contexto de imposição do culto cristão, monoteísta e patriarcal no Império Romano. O prestígio e o poder que Hipátia possuía em Alexandria, como intelectual e professora, devem ser considerados como aspectos fundamentais de sua condenação, tendo sido usados como forma de exclusão do feminino dos espaços de poder masculino e como um controle sobre as mulheres, além de servir como exemplo para que outras mulheres se mantivessem submissas aos homens. Com o afirma Federici (2017), as caçadas às bruxas foram instrumentais na construção da ordem patriarcal. Os caçadores de

bruxas estavam menos interessados em punir uma determinada transgressão do que estavam em eliminar formas generalizadas de comportamento feminino que não toleravam mais e que deveriam se tornar abomináveis aos olhos da população. Na literatura feminista, as mulheres acusadas de bruxaria, como Hipátia, desempenham um papel central (FEDERICI, 2017), pois são consideradas símbolos de resistência contra a misoginia, estigmatização, perseguição, inferiorização e exclusão das mulheres na história.

Hipátia foi assassinada em 415, quando foi capturada nas ruas de Alexandria por uma turba cristã, sob a liderança de Pedro, o leitor, braço direito do Arcebispo Cirilo, assim como mostrado no filme. Segundo historiadores antigos, ela foi arrastada de sua carruagem pela rua para uma igreja e lá foi despida, espancada, teve sua carne cortada com conchas de ostras, seus membros foram mutilados e queimados (MARK, 2017). Cirilo, mais tarde, foi declarado santo pela Igreja, por seus esforços em suprimir o paganismo e lutar pela fé cristã.

Apesar de ter sido brutalmente assassinada, tendo tido seu corpo queimado e seus trabalhos obliterados, e da tentativa de silenciá-la e de relegá-la ao esquecimento, Hipátia sobreviveu no tempo. Sua morte não significou o fim da investigação e do ensino por parte das mulheres, nem da resistência feminina às normas e aos padrões de comportamento prescritos pela Igreja, pelo Estado e pela sociedade. Como sublinham Ribeiro e Oliveira (2017, p. 192), a compreensão da condenação das mulheres por bruxaria é fundamental ao entendimento e enfrentamento de nossa herança de violência contra as mulheres no presente.

Referências Bibliográficas

- BROOKE, Christopher. **O casamento na Idade Média**. Mira-Sintra: Publicações Europa-America, 1989.
- FEDERICI, Silva. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva de capital**. São Paulo: Elefante, 2017.
- LOSEKANN, Cydne Rosa Lopes. As controvérsias entre paganismo e cristianismo a partir das crônicas da destruição do Serapeum de Alexandria (391.d.c) nas obras de Rufino de Aquiléia, Socrátes de Constatinopla, Teodoreto de Ciro e Sozomeno. **Trabalho de Conclusão de Curso**, departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- MARK, Joshua J. Hypatia of Alexandria. **World History Encyclopedia**. https://www.worldhistory.org/Hypatia_of_Alexandria/, 2 de setembro de 2009. Acesso em: 11 de nov.2021.
- OLIVEIRA. Loraine. Vestígios da vida de Hipátia de Alexandria. **Perspectiva Filosófica**, UFPE, vol. 43, n. 1, 2016, p.3-20.

RIBEIRO, Rebecca Maria Queiroga; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Historicizando a violência contra as mulheres: uma proposta feminista de abordagem de filmes históricos no ensino de história. **Relatos, análises e ações no enfrentamento da violência contra as mulheres.** STEVEN, Cristina; SILVA, Edlene; OLIVEIRA, Susane de; ZANELLO, Valeska (Orgs.). Brasília/DF: Technopolitik, 2017, p.168-199. Disponível em: http://www.technopolitik.com.br/downloads/files/RelatosViolenciasMulheresMar18r_p.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

ZIELINSKI, Sarah. Hypatia, ancient Alexandria's great female scholar. **Smithsonian Magazine**. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/hypatia-ancient-alexandrias-great-female-scholar-10942888>. Acesso em: 02 de nov. 2021.